

pedro eiras
teatro II



húmus

pedro eiras
teatro II

lúmen

A CASA

breves mecanismos de auto-destruição

Personagens

A.

B.

A ou B.

Foi assim que imaginei:

esta peça deve ser representada, não num teatro, mas numa velha casa abandonada. Mansão burguesa – já terá visto melhores dias. A peça acontece piso a piso. Em cada lugar, o público entra; senta-se, ou permanece de pé; assiste. Como se diz de uma morte: assistir-lhe. Vê-la, ajudá-la.

O encenador deve escutar a casa através dos textos, os textos através da casa. Ouvir os sítios, os fantasmas dos sítios. Multiplicar actores, ou atribuir todos os papéis a dois actores apenas. Eliminar textos. Alterar a ordem destes mecanismos, capítulos, acontecimentos, conforme a casa. E, claro, a casa conforme os textos.

Índice dos pisos e dos sítios:

subsolo: a cave

rés-do-chão (interior): a sala de estar, a cozinha, a despensa, o quarto

rés-do-chão (exterior): o jardim

primeiro piso: o outro quarto, a biblioteca

segundo piso: o sótão

rés-do-chão (exterior): o saguão

A CAVE

Escuro. Tilintar de chaves; uma chave numa fechadura: clic. Ao fundo, abre-se uma porta; claridade suja. Dois vultos entram.

A

Não se vê nada.

B

Espera aí.

B entra, desaparece na escuridão.

A

Então?

B

Espera.

Caixas de madeira caem: estrondo. B, no escuro, terá chocado contra elas. B contém um gemido de dor.

A

Estás bem? Que foi isso?

B

Estou bem, estou bem.

A

Que foi?

B

Umás caixas, não sei quê.

A

Caixas? Quais caixas?

B

Espera aí, deixa-te estar aí.

B anda no escuro.

B

Já encontrei os fusíveis, vou ligar.

A

Devias ter trazido uma lanterna. Se me tivesses avisado, eu trazia uma lanterna.

B

Não precisas de uma lanterna para nada, eu acendo –

B ligou os fusíveis: algumas lâmpadas penduradas do tecto acendem. Luz fria, clínica. Uma cave desolada. Alguns caixotes de madeira, vazios.

B

Pronto.

A

Ah.

A avança.

B

Fecha a porta.

A

Porquê?

B

Porque sim.

Pausa.

A

Está bem.

A recua, fecha a porta.

Silêncio.

B

É isto.

A

Pois.

B

Não está mal.

A

Pois não.

Silêncio.

B

Dizemos que sim?

A

Que é que havemos de dizer?

B

Olha lá, se nos mandaram vir cá ver é para dizermos o que achamos. Se acharmos bem dizemos que serve, se acharmos mal dizemos que não serve, que procurem outra.

A

Outra quê?

B

Outra cave. Tu hoje estás muito lento.

A

Estou a precisar dum café.

B

Querias tomar café tomasses antes de vir, agora aqui não há café, agora temos de ver se isto está em condições, ver se – Estás a ouvir?

A

Peritagem.

B

O quê?

A

Peritagem. Fazer a peritagem. Não é assim que se diz?

B

Sim. Sei lá. Acho que isso é para os carros.

A

Ah.

B

...ver se isto serve. Não é complicado.

A

Não.

B

Tomasses café antes de vir.

A

Já percebi.

B

Não há nenhum café lá fora, não sei se reparaste.

A

Há, há.

B

Onde?

A

Do outro lado do viaduto.

B

Do outro lado do viaduto, já viste há quantos quarteirões
isso foi?

A

Pois.

TEATRO II

Autor: Pedro Eiras

Capa: António Pedro, a partir de
João Henriques em *Hypomnemata*
(encenação de Renata Portas), Porto, 2008
© Daniel Moreira

© Edições Húmus, Lda., 2014
End.Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão
Tel. 926 375 305
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V.N. Famalicão
1.ª edição: Setembro de 2014
Depósito Legal n.º: 380435/14
ISBN: 978-989-755-072-0